

O olhar feminino marca toda a diferença nas fotografias produzidas por talentosas artistas, em diferentes países e contextos, como constatamos neste livro. Em várias partes do mundo, os trabalhos artísticos de inúmeras fotógrafas tornam-se progressivamente (re)conhecidos, a partir das pesquisas de intelectuais inquietos/as, como os/as que compõem esta bela publicação. Inconformados/as com o silêncio sobre o passado das mulheres, seus textos instigantes enriquecem nosso presente, subvertendo interpretações misóginas e hierárquicas, ao facilitarem o contato direto com outras produções discursivas e imagéticas. Geneviève Naylor, Grete Stern, Nicolas Constantino, Rosângela Rennó e Rosana Paulino, são muitos os nomes das fotógrafas aqui contempladas. Ao mesmo tempo, nesta obra, é o próprio lugar da fotografia que está em discussão. Assim, também tomamos contato com as imagens produzidas historicamente sobre os corpos femininos, que tiveram forte peso na construção de um imaginário nem sempre favorável às mulheres. Está dada, então, a possibilidade de reverter um triste legado histórico, abrindo-nos para a construção de um mundo filógeno, capaz de fazer justiça à contribuição cultural e social das mulheres, ontem e hoje.

Margareth Rago

**{PGEHA}** Pós-Graduação Interunidades  
Estética e História da Arte **USP**

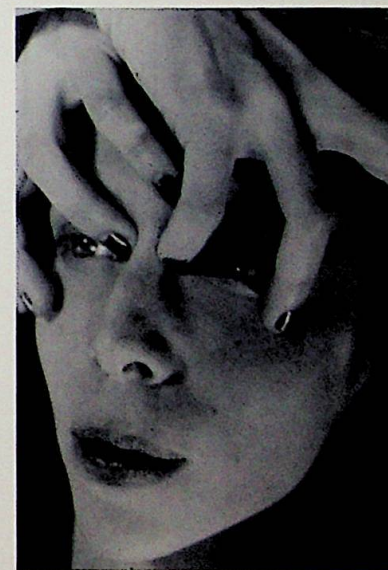
**MAC**  
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
da Universidade de São Paulo



**Erika Zerwes**  
**Helouise Costa**  
ORGANIZADORAS

# Mulheres Fotógrafas/ Mulheres Fotografadas

## Fotografia e gênero na América Latina



**FAPESP**

intermeios



**A Coleção entregêneros** abre-se para a publicação de livros, ensaios, coletâneas, nacionais ou estrangeiros, que se situem no espaço da crítica às formas contemporâneas de imposição de rígidas identidades sociais, sexuais, étnicas ou geracionais, e que promovam o debate acerca das questões de gênero e sexualidade, ou aquelas relacionadas ao corpo em distintas problematizações. Tem como horizonte a crítica do presente, do patriarcalismo e do racismo. Visa a divulgar obras que desestabilizem as fronteiras do conhecimento e que se pautem pela interdisciplinaridade, fundamental para que possam ser apreendidas outras realidades, invisíveis, moleculares e silenciadas no mundo contemporâneo. Os estudos históricos, filosóficos, antropológicos, tanto quanto os literários ou procedentes das áreas da Psicanálise, Educação e Direito podem, nesse sentido, fornecer importantes pistas para reflexões que contribuam para diagnosticar a nossa atualidade e para questionar as formas de pensar e agir de que somos herdeiros/as, formas essas que não são naturais mas históricas, portanto, passíveis de transformação.

# MULHERES FOTÓGRAFAS / MULHERES FOTOGRAFADAS

Fotografia e Gênero na  
América Latina



704.042  
S471  
2017

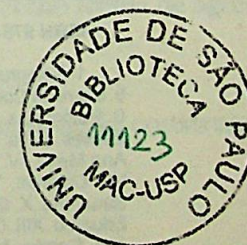
ERIKA ZERWES  
HELOUISE COSTA

ORGANIZADORAS

# MULHERES FOTÓGRAFAS / MULHERES FOTOGRAFADAS

## Fotografia e Gênero na América Latina

São Paulo  
2021



MAC

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
da Universidade de São Paulo

{PGEHA Pós-Graduação Interunidades  
Estética e História da Arte} USP

FAPESP

intermeios  
CASA DE ARTES E LIVROS

MAC-Museu Arte Contemporânea



Mulheres fotógrafas/mulheres fotografadas : fotografia e  
gênero na América Latina.

L-11123

Processo da FAPESP – 2018/17558-8

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material  
são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão  
da FAPESP.



Editora Intermeios  
Rua Cunha Gago, 420 / casa 1 – Pinheiros  
CEP 05421-001 – São Paulo – SP – Brasil  
Fones: [11] 2365-0744 – 94898-0000 (Tim) – 99337-6186 (Claro)  
www.intermeioscultural.com.br

MULHERES FOTÓGRAFAS / MULHERES FOTOGRAFADAS:  
FOTOGRAFIA E GÊNERO NA AMÉRICA LATINA

© Erika Zerwes | Helouise Costa

1ª edição: maio de 2021

Editoração eletrônica, produção Intermeios – Casa de Artes e Livros  
Capa Lívia Consentino Lopes Pereira  
Foto da capa Hildegard Rosenthal. Chinita Ullman, 1938.  
Acervo Instituto Moreira Salles.

CONSELHO EDITORIAL

Vincent M. Colapietro (Penn State University)  
Daniel Ferrer (ITEM/CNRS)  
Lucrécia D'Alessio Ferrara (PUCSP)  
Jerusa Pires Ferreira (PUCSP)  
Amálio Pinheiro (PUCSP)  
Josette Monzani (UFSCar)  
Rosemeire Aparecida Scopinho (UFSCar)  
Walter Fagundes Morales (UESC/NEPAB)  
Izabel Ramos de Abreu Kisil  
Jacqueline Ramos (UFS)  
Celso Cruz (UFS) – *in memoriam*  
Alessandra Paola Caramori (UFBA)  
Claudia Dornbusch (USP)  
Barbara Arisi (Unila)  
Nikita Paula (Ancine)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Z589 Costa, Helouise, Org.; Zerwes, Erika, Org.  
Mulheres fotógrafas / mulheres fotografadas: fotografia e gênero  
na América Latina / Organização de Helouise Costa | Erika Zerwes.  
Apresentação Helouise Costa e Erika Zerwes. – São Paulo: Intermeios, 2020.  
406 p. ; 16 x 23 cm.

*I Seminário Internacional Mulheres Fotógrafas / Mulheres fotografadas.  
Fotografia e gênero na América Latina. São Paulo: MAC-USP, setembro/  
outubro de 2017.*

ISBN 978-65-86255-38-6

1. Fotografia. 2. Fotografia Documentária. 3. Fotojornalismo. 4. Gênero.  
5. Memória Coletiva. 6. Memória Cultural. 7. Cultura Visual. 8. Cultura Política.  
9. Fotógrafas. 10. América Latina. 11. História da Fotografia. I. Título. II.  
Zerwes, Erika, Organizadora. III. Costa, Helouise, Organizadora. III. Mauad,  
Ana Maria. IV. Dorotinsky, Deborah. V. Schwarcz, Lilia. VI. Leiva, Gonzalo.  
VII. Chiarelli, Tadeu. VIII. Cortés-Rocca, Paola. IX. Tvardovskas, Luana  
Saturnino. X. Cuarterolo, Andrea. XI. Aguiar, Carolina Amaral de. XII. Costa,  
Eduardo. XIII. Gluzman, Georgina. XIV. Fabris, Marcos. XV. Bispo, Alexandre.  
XVI. Corrêa, Amélia Siegel. XVII. Schaffler, Lena. XVIII. Stewart, Danielle.  
XIX. Mendes, Ricardo. XX. Zarattini, Mônica. XXI. Felden, Adriana. XXII.  
Lombardi, Kátia Hallak. XXIII. Piderit, Maria Fernanda. XXIV. Opitz, Sophie-  
Charlotte. XXV. Etcheverry, Carolina Martins. XXVI. Witkowski, Jacqueline.  
XXVII. Trizoli, Talita. XXVIII. Camnev, Larissa. XXIX. Dimambro, Nadiesda.  
XXX. Intermeios – Casa de Artes e Livros.

CDU 77.03  
CDD 770

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB-6/1154

## Sumário

- 9 Apresentação  
Helouise Costa e Erika Zerwes
- 19 Humanismo e política: fotografia e gênero entre a Europa e a América  
Latina  
Erika Zerwes
- 37 Por seus olhos nos vemos: Genevieve Naylor, fotografia e gênero nos  
tempos de Boa Vizinhança (1941-1942)  
Ana Maria Mauad
- 53 No limite da invisibilidade: mulheres fotógrafas no Brasil na primeira  
metade do século 20  
Helouise Costa
- 71 Lola Álvarez Bravo: la fotografía y el proyecto educativo en México  
1934-1937  
Deborah Dorotinsky
- 97 Mulheres fotografadas. Mães negras e o afeto como forma de agressão  
Lilia Schwarcz
- 115 Tres gestos fundacionales de fotógrafas: tramas de la construcción  
de un régimen visual en Chile  
Gonzalo Leiva
- 131 Sofia Borges e a realidade como lama densa  
Tadeu Chiarelli



- 137 **Doble de cuerpo. Reproducción y reproductibilidad en Nicola Constantino**  
Paola Cortés-Rocca
- 153 **Imagens de sobrevivência: feminismos e arquivo fotográfico em Rosana Paulino e Rosângela Rennó**  
Luana Saturnino Tvardovskas
- 171 **La espectacularización de la mujer en los tempranos retratos fotográficos latinoamericanos**  
Andrea Cuarterolo
- 189 **Os clichês, a experiência e a memória de uma viagem: Agnès Varda e a Revolução Cubana**  
Carolina Amaral de Aguiar
- 205 **Fotógrafas no Brasil dos anos 1980: as mulheres nas publicações do Núcleo de Fotografia da Funarte e do INFoto**  
Eduardo Costa
- 221 **Mujeres modernas en la obra Annemarie Heinrich: fotografía, glamour y visibilidad femenina en la Buenos Aires moderna**  
Georgina Gluzman
- 231 **Gênero e conflito na Argentina peronista: as fotomontagens de Grete Stern**  
Marcos Fabris
- 237 **Fotografia de mulher: afetividade, vida moderna e integração social**  
Alexandre Bispo
- 249 **A nova mulher sob as lentes de Hildegard Rosenthal**  
Amélia Siegel Corrêa
- 261 **Photography from the Psyche: Alice Brill in the clinic of Juqueri, São Paulo 1950**  
Lena Schaffler
- 273 **"A Nova Mulher": Hildegard Rosenthal and Early Paulista Photojournalism**  
Danielle Stewart
- 283 **Stefania Bril: crítica e ação cultural em fotografia nas décadas de 1970 e 1980**  
Ricardo Mendes
- 295 **Fotógrafas inquietas e livres: Lourdes Grobet e Nair Benedicto**  
Mônica Zarattini
- 307 **A representação feminina nas fotografias de Tina Modotti**  
Adriana Felden
- 315 **As mulheres azuis de Claudia Andujar**  
Kátia Hallak Lombardi
- 327 **Visualidades de lo femenino: la imagen de la gallina. Dos casos de fotolibros durante la dictadura chilena (1973-1989)**  
María Fernanda Piderit
- 339 **Unthought Identities – Moving Memories. Female Interconnected Memories in Conceptual War Photography**  
Sophie-Charlotte Opitz
- 351 **Fotojornalistas no Rio Grande do Sul dos anos 1970: Jacqueline Joner e Eneida Serrano**  
Carolina Martins Etcheverry
- 363 **Remediation and the critiques of identity in Anna Bella Geiger's photo-collages**  
Jacqueline Witkowski
- 373 **Através de um espelho. Subjetivações femininas na arte brasileira dos anos 1970**  
Talita Trizoli



- 385 **Desdobramentos** Ana Mendieta  
Larissa Camnev
- 393 **Autorretrato conceitual e gênero**  
Nadiesda Dimambro
- 401 **Autores**

## Apresentação

HELOUISE COSTA  
ERIKA ZERWES

Hoje sabemos que as mulheres tiveram participação ativa na produção e no mercado fotográfico desde o século XIX, embora raramente tenham obtido o devido reconhecimento. Tanto a atuação feminina nesse meio, quanto o olhar da fotografia sobre a mulher, são temas que começaram a ganhar maior acolhida, como objetos de estudo acadêmico, somente na última década e assim mesmo em alguns poucos países. No Brasil, estudos nesse campo ainda são raros. O I Seminário Internacional *Histórias da Fotografia: Mulheres Fotógrafas / Mulheres Fotografadas. Fotografia e gênero na América Latina*, realizado no MAC USP entre setembro e outubro de 2017, buscou trazer acadêmicos que têm se debruçado sobre estes temas. Este livro, ao reunir os textos dos pesquisadores participantes do evento, tem o objetivo de contribuir para o aprofundamento da reflexão sobre a questão de gênero na produção e recepção de imagens fotográficas.

As poucas pesquisas existentes apontam que na América Latina, de modo semelhante ao que ocorreu em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, a presença da mulher na fotografia em seus primórdios esteve vinculada prioritariamente às atividades manuais características dos bastidores dos empreendimentos familiares e dos estúdios comerciais. As mulheres, cujo acesso era vetado às academias de arte, buscavam frequentemente dedicar-se a atividades alternativas por meio das quais podiam exercer a ação criativa. No campo da fotografia, elas eram valorizadas por uma suposta habilidade manual inerente, que as tornavam bem cotadas para os trabalhos de laboratório, assim como para o retoque e colorização de cópias. No entre-guerras, no entanto, essa situação começa a se modificar. Com a ampliação do mercado e o desenvolvimento da técnica, a fotografia se transforma numa opção concreta para muitas mulheres



que buscam autonomia, precisam sobreviver em situações adversas ou desejam lutar por alguma causa. O período da Segunda Guerra Mundial veio aumentar as possibilidades de atuação para as mulheres no campo da fotografia dada a necessidade de substituição da mão de obra masculina mobilizada pelo conflito. É nesse momento que despontam inúmeras mulheres fotógrafas imigrantes que se fixam na América Latina, trazendo importantes contribuições. Já nas décadas de 1960 e 1970 surgem oportunidades mais efetivas de profissionalização para as mulheres e daí por diante a inserção feminina no campo da fotografia só tendeu a se expandir alcançando também o terreno da arte.

Se esse breve panorama é elucidativo das linhas gerais de um processo de longa duração, é, ao mesmo tempo, genérico e lacunar. Desse modo, os textos aqui reunidos estabelecem um diálogo interdisciplinar entre pesquisadores de diferentes países, visando o compartilhamento de conteúdos que permitam enriquecer o repertório de referências sobre a atuação de mulheres fotógrafas, bem como da representação fotográfica do feminino, a partir de diversos estudos de caso. Acreditamos que, em seu conjunto, eles criem condições para uma melhor compreensão do papel das mulheres na constituição de um campo profissional e artístico para a fotografia na América Latina. Os estudos das questões de gênero, como sabemos, têm o potencial de tensionar e efetivamente alargar o conhecimento sobre as relações de poder que sustentam o circuito profissional e artístico da fotografia em diversos momentos históricos.

Mais do que simplesmente revelar fotógrafas desconhecidas ou aspectos curiosos de suas biografias, busca-se questionar os motivos que levaram esse segmento da sociedade a ter menor visibilidade nas narrativas hegemônicas da história da fotografia. Este livro, assim como o evento que lhe deu origem, procura reunir não apenas especialistas nos estudos de gênero, mas também abrir espaço para contribuições interdisciplinares, na medida em que muitos participantes foram desafiados a introduzir pela primeira vez a problemática de gênero em suas reflexões acerca dos fenômenos artísticos e das representações.

O presente livro está dividido em duas partes. A primeira é composta pelos textos dos pesquisadores convidados que compuseram as mesas redondas do seminário internacional *Mulheres Fotógrafas / Mulheres Fotografadas*. A segunda reúne as contribuições dos selecionados por meio da convocatória aberta para pesquisadores do Brasil e do exterior. Os capítulos foram escritos em português, espanhol e inglês, por autores que se encontram em diferentes fases da carreira acadêmica, ou seja, é possível encontrar desde especialistas renomados internacionalmente até jovens estudantes em início de carreira. O livro oferece, assim, o ponto de vista de alguns dos pesquisadores que fizeram parte

das primeiras gerações que abordaram a fotografia como temática acadêmica na América Latina, lado a lado de representantes das gerações subsequentes, que muitas vezes foram formados pelos primeiros. Esta variedade de gerações traz necessariamente uma variedade de metodologias e abordagens, o que permite um olhar amplo e multifacetado para temas complexos, e pode sem dúvida enriquecer nossa perspectiva sobre o assunto.

O livro se inicia com um panorama da historiografia sobre a fotografia na América Latina e o papel das mulheres nesse contexto, elaborado por Erika Zerwes. Em *Humanismo e Política: fotografia e gênero entre a Europa e a América Latina* a autora levanta invisibilidades e visibilidades seletivas - como a recusa de parte da crítica em reconhecer a presença de fotógrafas de estúdio na região, já desde fins do século XIX, e a insistência em se afirmar que as primeiras fotógrafas atuantes na América Latina foram as imigrantes europeias que praticaram a fotografia moderna. Os dois capítulos seguintes são estudos de caso que tratam de aproximações entre a cultura visual e a cultura política. O texto escrito por Ana Mauad, *Por seus olhos nos vemos: Genevieve Naylor, fotografia e gênero nos tempos de Boa Vizinhaça (1941-1942)*, discute um trabalho pontual de documentação desenvolvido por esta fotógrafa norte-americana no Brasil. Por cerca de dois anos, Naylor trabalhou no país fotografando o povo brasileiro e suas minorias, entre elas as mulheres. Mauad aponta como este trabalho se insere em um período onde as imagens e a cultura visual foram largamente utilizadas com finalidades políticas, para estreitar laços entre a América Latina e os EUA, durante a chamada política da "Boa Vizinhaça". No capítulo seguinte, em *Lola Álvarez Bravo: la fotografía y el proyecto educativo en México 1934-1937*, Deborah Dorotinsky Alperstein analisa algumas fotografias documentais de Lola Álvarez Bravo realizadas poucos anos antes das imagens de Naylor e publicadas na revista *El maestro rural*. Além de recuperar o crédito nem sempre concedido para a fotógrafa, Deborah Dorotinsky chama a atenção para a participação de Lola Álvarez Bravo na construção visual da propaganda do regime de Lázaro Cárdenas, bem como na promoção de uma agenda social e política de apoio às classes trabalhadoras e camponesas. Deste modo, os três capítulos permitem uma reflexão sobre as possíveis relações entre a construção de identidades em países latino-americanos e o trabalho documental realizado por mulheres fotógrafas em meados do século XX.

Em *No limite da invisibilidade: mulheres fotógrafas no Brasil na primeira metade do século XX*, Helouise Costa levanta aspectos da presença feminina na fotografia brasileira das primeiras décadas do século XX, analisando e cotejando as trajetórias de Gioconda Rizzo, Hermínia Nogueira Borges, Ingeborg de Beausacq



e Mary Zilda Grassia Sereno. O capítulo mostra como a pesquisa acerca desse tema é dificultada pela escassez de fontes disponíveis - um dos muitos aspectos da quase invisibilidade mencionada no título. Ainda assim, segundo a autora, os trabalhos destas pioneiras mostram que as mulheres tiveram papel ativo na construção de um campo profissional e artístico para a fotografia no Brasil. No capítulo *Mulheres Fotografadas. Mães negras e o afeto como forma de agressão*, Lilia Moritz Schwarcz desloca a atenção do leitor das mulheres fotógrafas para as mulheres fotografadas. Ela se dedica a analisar diversas imagens de mulheres negras escravizadas no Brasil do século XIX, mais especificamente as amas negras. A autora analisa como diversas convenções estéticas pertencentes ao *métier* do retrato fotográfico na época plasmaram em *cartes de visite* e papéis albuminados convenções políticas e hierarquias sociais. Voltando para o papel das mulheres como fotógrafas, Gonzalo Leiva Quijada analisa, em *Tres gestos fundacionales de fotógrafas: tramas de la construcción de un régimen visual en Chile*, três fotógrafas que desafiaram a sociedade patriarcal chilena na passagem do século XIX para o XX, no pós Segunda Guerra e no século XXI, sendo elas Teresa Carvallo, Gertrudis de Moses e Gabriela Rivera, respectivamente. Atuando tanto em estúdios quanto em fotoclubes, ou na produção de ensaios autorais, estas três fotógrafas romperam com o veto à presença feminina no espaço público chileno, um acontecimento não só criativo como político. O autor vai nos mostrando, ao longo do texto, como elas formam parte de um gesto fundacional da fotografia chilena que envolve o olhar, o trauma e suas latências, assim como o corpo, garantindo um lugar de visibilidade - ainda que tardia - para estas mulheres.

Tanto Tadeu Chiarelli, em *Sofia Borges e a realidade como lama densa*, quanto Paola Cortes Rocca em *Doble de cuerpo. Reproducción y reproductibilidad en Nicola Constantino*, analisam obras de fotógrafas contemporâneas atuantes no Brasil e na Argentina, respectivamente, que utilizam a imagem fotográfica como forma de expressão artística. Chiarelli chama a atenção para a produção de Sofia Borges (a quem acompanhou desde que era estudante), realizada a partir de técnicas digitais e difundida muitas vezes no formato de fotolivro. Cortes Rocca analisa como Nicola Constantino, treinada originalmente em escultura e instalação, une estes dois campos à fotografia e ao vídeo para recriar cenas e pessoas - inclusive um duplo dela própria. Aqui, o olhar do observador é articulado com o da própria fotógrafa, e com as tradições visuais do ocidente, a fim de discutir situações pessoais e questões de gênero.

É precisamente sobre as manifestações artísticas que envolvem a manipulação, produção e difusão da fotografia, enquanto catalisadora e potencializadora de reflexões feministas e de gênero, que Luana Saturnino

Tvardovskas vai se deter no capítulo *Imagens de sobrevivência: feminismos e arquivo fotográfico em Rosana Paulino e Rosângela Rennó*. A autora volta-se para duas artistas que não necessariamente produzem as imagens fotográficas que utilizam em suas obras, mas que se apropriam de fotos retiradas de arquivos pessoais ou públicos, buscando estabelecer, a partir de certos indivíduos, críticas pungentes sobre as relações sociais e políticas brasileiras. Em algumas de suas obras Rosana Paulino se apropria ou faz referência às imagens da escravidão brasileira cimentadas em nossa cultura visual e também comentadas neste livro por Lilia Moritz Schwarcz. Arquivo e corpo são novamente invocados em seus diálogos com a imagem fotográfica, como o são em Sofia Borges e Nicola Constantino, guardadas as devidas especificidades.

Andrea Cuarterolo, Carolina Amaral de Aguiar e Eduardo Augusto Costa analisam, cada um a seu modo, como a fotografia tange as questões de gênero em suas diversas formas de circulação. Cuarterolo, no capítulo intitulado *La espectacularización de la mujer en los tempranos retratos fotográficos latinoamericanos*, busca oferecer uma perspectiva distinta da tradição historiográfica da fotografia, normalmente mais voltada aos aspectos documentais e artísticos, para analisar parte da produção fotográfica latino-americana nas primeiras décadas de existência do novo meio, entendido enquanto espetáculo. A autora tem como foco o retrato fotográfico, em sua potencialidade performática, especialmente no que diz respeito a um olhar masculino que constrói a imagem da mulher, e aponta como tal potencialidade também pode ser encontrada no cinema. Em *Os clichés, a experiência e a memória de uma viagem: Agnès Varda e a Revolução Cubana*, Carolina Amaral de Aguiar analisa o filme *Salut les cubains*, realizado em 1963 pela cineasta francesa, logo após sua estada em Cuba, onde esteve a convite do governo com o objetivo de testemunhar o sucesso da Revolução, que naquele momento ainda encontrava-se em vias de consolidação. A autora chama a atenção para o processo de montagem do filme, produzido a partir de quatro mil fotografias realizadas por Varda no país caribenho, e como, ao animar imagens fixas, a cineasta também foi capaz de relacionar a cultura e o cotidiano dos cubanos, com os ideais políticos da Revolução. Passando do cinema para o impresso, Eduardo Augusto Costa traça, em *Fotógrafas no Brasil dos anos 1980: As mulheres nas publicações do Núcleo de Fotografia da Funarte e do INFoto*, um panorama da evolução material e técnica das publicações de fotografia no Brasil, em que tangencia também a história das sensibilidades. Partindo da noção de que os livros de fotografia e o mercado editorial tiveram um papel importante na organização de discursos e narrativas sobre a fotografia brasileira, o autor traça um panorama da participação das mulheres neste processo ao longo do



século XX, detendo-se em três publicações da FUNARTE, onde as fotógrafas mulheres aparecem em destaque.

Passando para as contribuições dos pesquisadores que responderam à chamada pública por ocasião do seminário homônimo a este livro, realizado no MAC USP, dezessete capítulos analisam diversos aspectos das possibilidades de interações e tensões entre fotografia e gênero no Brasil, Argentina, Chile e México. No capítulo *Mujeres modernas en la obra Annemarie Heinrich: fotografía, glamour y visibilidad femenina en la Buenos Aires moderna*, Georgina G. Gluzman analisa parte da produção da fotógrafa argentina focada no retrato de mulheres, desde artistas e atrizes de sucesso até anônimas das classes populares. Segundo a autora, essas imagens podem ser interpretadas como comentários visuais sobre como a mulher, enquanto categoria social, era vista na Argentina naquele momento. Para ela, tais retratos funcionaram como a materialização visual da ideia de mulher moderna, baseada na beleza e no glamour. Marcos Fabris também foca no país vizinho em *Gênero e conflito na Argentina peronista: as fotomontagens de Grete Stern*. O capítulo analisa as fotomontagens da fotógrafa de origem alemã radicada em Buenos Aires, tomando em particular a construção da visualidade acerca da noção de feminino, que o autor entende como sendo uma construção historicamente determinada, e que abriu espaço para um campo de experimentação profissional e artística.

Alexandre Araujo Bispo vai igualmente se deter sobre a construção visual do feminino em *Fotografia de mulher: afetividade, vida moderna e integração social*. Aqui, no entanto, esta análise é realizada no Brasil, tomando imagens vernaculares de álbuns de fotografias familiares e retratos de estúdio voltados para as classes médias e populares de São Paulo. Frequentemente pautadas pelo olhar masculino, esse tipo de construção visual podia ser subvertido, como demonstra o autor no exemplo das duas mulheres da classe trabalhadora paulistana que se fizeram fotografar entre as décadas de 1930 e 1950. Bispo aproxima essas mulheres da figura da 'nova mulher', também referida por Amélia Siegel Corrêa no capítulo *A nova mulher sob as lentes de Hildegard Rosenhtal*. Tratando da biografia e da obra fotográfica de Rosenthal, a autora analisa alguns dos fatores culturais e históricos envolvidos em sua atuação no Brasil, tomando como foco principal duas séries fotográficas que envolvem a noção desta *nova mulher* e sua inserção na cidade de São Paulo.

Tomada igualmente em São Paulo, a série da fotógrafa Alice Brill, realizada no hospital psiquiátrico do Juqueri, é analisada por Lena Schäffler em *Photography from the Psyche: Alice Brill in the clinic of Juqueri, São Paulo 1950*. A autora centra sua argumentação na hipótese de que esta série pode ser tomada como ponto de

partida para a busca de uma proximidade entre os âmbitos da arte e da medicina na década de 1950. Estas fotografias são a única documentação disponível sobre os trabalhos artísticos realizados por internos do hospital, além de retratarem o seu cotidiano. A autora traça correspondências entre a circulação deste registro fotográfico e o aparecimento de novas formas de tratamento médico. Rosenthal também é objeto de estudo de Danielle Stewart, em *"A Nova Mulher": Hildegard Rosenthal and Early Paulista Photojournalism*, que analisa como esta fotógrafa, em contato com a produção de reportagens fotográficas europeias, e principalmente alemãs, no entre-guerras, adota a linguagem visual do ensaio fotográfico e a utiliza para realizar um retrato idealizado de uma mulher na moderna capital de São Paulo.

Algumas décadas mais tarde no Brasil, Stefania Bril vai atuar como crítica, agente e produtora cultural. Sua trajetória profissional é tema do capítulo *Stefania Bril: crítica e ação cultural em fotografia nas décadas de 1970 e 1980*, de Ricardo Mendes. A partir dos artigos sobre fotografia escritos por Stefania para a imprensa brasileira, em especial para o jornal *O Estado de S. Paulo*, e da organização e produção dos Encontros Fotográficos, eventos realizados na cidade de Campos do Jordão, Mendes situa sua atuação no contexto da fotografia brasileira durante as décadas de 1970 e 1980. Estes capítulos abarcam desde as mulheres paulistanas fotografadas a partir da década de 1930, passando por Rosenthal e Brill, as mais reconhecidas fotojornalistas atuantes no Brasil no pós-Segunda Guerra, até o trabalho crítico de Stefania Bril, contribuindo para traçar um panorama complexo da atuação feminina na fotografia em São Paulo durante o século XX.

*Fotógrafas Inquietas e Livres: Lourdes Grobet e Nair Benedicto*, de autoria de Mônica Zarattini, coloca lado a lado a produção destas duas fotógrafas, uma mexicana e outra brasileira, ambas nascidas em 1940. Defendendo que a atuação delas é vanguardista, o texto analisa tanto séries fotográficas quanto produções em vídeo destas duas autoras, que muitas vezes têm um olhar feminista ou adotam como tema a situação social da mulher. Outra fotógrafa icônica que atuou na América Latina é abordada por Adriana Felden em *A representação feminina nas fotografias de Tina Modotti*. Neste capítulo, a autora retraça a biografia de Modotti, atuante no México durante a década de 1920, de modo a enfatizar seu engajamento social e político. De volta ao Brasil, *As mulheres azuis de Claudia Andujar*, de Kátia Hallak Lombardi, utiliza a ontologia do corpo oferecida por esta fotógrafa nascida na Europa e radicada no Brasil para pensar sua condição de produtora de imagens da alteridade. A sua biografia, dividida entre o trabalho fotográfico e a atuação na luta pelos direitos dos Yanomami, é analisada a partir de imagens em que figuram o corpo feminino indígena e não indígena.



As representações visuais ligadas às ditaduras que tomaram diversos países da América Latina na segunda metade do século XX, são abordadas por María Fernanda Piderit e Sophie-Charlotte Opitz ao analisarem fotografias que lidam com a memória recente do Chile e Argentina, respectivamente. Em *Visualidades de lo femenino: la imagen de la gallina. Dos casos de fotolibros durante la dictadura chilena* (1973-1989), Piderit analisa o livro *Amalia*, da fotógrafa chilena Paz Errazúriz. A autora relaciona este, que foi o primeiro livro publicado por Errazúriz, com o capítulo "Primera dimensión pánica de la figura materna" do livro *Cuerpo Correccional* de Carlos Leppe e Nelly Richard. Segundo ela, já estão ali presentes as características da chamada 'fotografia social' que a fotógrafa chilena desenvolveria por toda a sua carreira, bem como uma discussão de gênero. Já Sophie-Charlotte Opitz, em *Unthought Identities – Moving Memories. Female Interconnected Memories in Conceptual War Photography*, analisa a série *Lamento de los Muros* da fotógrafa Paula Luttringer. A autora interpreta as dinâmicas das interconexões entre identidades femininas e memória pessoal e coletiva da ditadura argentina. Enquanto sobrevivente dos centros secretos de detenção, Luttringer, segundo a autora, desempenharia um papel de intermediação entre estas memórias, apropriando-se de testemunhos. Opitz afirma que tanto os trabalhos que utilizam imagens destes centros, quanto aqueles que incluem textos dos testemunhos, podem ser considerado como exemplo de novas estratégias no que diz respeito ao gênero no âmbito da fotografia de guerra.

Igualmente focados na década de 1970, os capítulos seguintes, apesar de não tratarem especificamente de eventos relacionados às ditaduras latino-americanas, as mantêm como pano de fundo. Carolina Martins Etcheverry, em *Fotojornalistas no Rio Grande do Sul dos anos 1970: Jacqueline Joner e Eneida Serrano*, trata destas duas fotojornalistas atuantes na imprensa gaúcha, especialmente dos trabalhos que realizaram no contexto do livro *Santa Soja*, da passagem pelo jornal *Agricultura & Cooperativismo* e da atuação na agência de fotografia Ponto de Vista. Em seguida, no capítulo intitulado *Remediation and the critiques of identity in Anna Bella Geiger's photo-collages*, Jacqueline Witkowski analisa a utilização e apropriação de imagens fotográficas pela artista brasileira. A autora lança luz sobre o trabalho em que a artista toma cartões postais como matéria prima de fotocollagens, em 1977, para aproximá-la da noção de 'antropofagia' desenvolvida por Oswald de Andrade. Witkowski defende que as fotocollagens de Geiger são um exemplo de como artistas mulheres no Brasil utilizaram a fotografia como forma de luta pela causa indígena, questionando as políticas da ditadura militar. *Através de um Espelho. Subjetivações Femininas na Arte Brasileira dos Anos 1970*, de autoria de Talita Trizoli, foca nas práticas de subjetivação por meio

do fazer artístico visíveis nas obras de seis artistas mulheres atuantes no Brasil: Regina Vater, Sonia Andrade, Iole de Freitas, Gretta Sarfaty, Leticia Parente e Anna Maria Maiolino. Trizoli defende que no conjunto da produção artística destas mulheres é possível verificar, tanto a presença de índices da constituição de si, tema de larga investigação e receptividade para a geração conceitualista, quanto de enfrentamentos das especificidades do gênero e do feminismo. Já Larissa Camnev, em *Desdobramentos. Ana Mendieta*, se volta para esta artista cubana, que usava o próprio corpo como suporte de seu trabalho, dando assim, segundo a autora, voz a questões de gênero e identidade. Detendo-se mais especificamente em três obras realizadas durante a década de 1970, Camnev busca uma estratégia discursiva para explanar a relação entre a vida e a obra da artista, que seriam, segundo ela, intimamente ligadas.

O livro se encerra com o capítulo intitulado *Autorretrato conceitual e gênero*, em que Nadiesda Dimambro analisa fotografias da artista greco-brasileira Gretta Sarfaty datadas da década de 1970. Tendo como foco algumas séries de autorretratos, a autora defende que Sarfaty faz uma exploração consciente e crítica da imagem do corpo feminino, sendo capaz de engendrar uma reação ao olhar conformador da cultura machista, que ela considera ser uma violência sistemática às mulheres. A partir de uma abordagem do suporte fotográfico como espaço de experimentação conceitual e feminista, a autora discute as estratégias adotadas por Gretta, tanto na manipulação da fotografia, quanto no registro de performance e no livro de artista.

As discussões interdisciplinares sugeridas ao longo deste volume pretendem fazer avançar as reflexões acerca do tema maior que é o gênero na fotografia latino-americana. Por meio da publicação das versões textuais das apresentações do seminário, essas discussões ganham perenidade e potencial aumento de seu alcance. Tanto a realização do seminário, em um museu público universitário, quanto a publicação do presente livro, buscam, assim, atender não apenas à comunidade acadêmica, mas também ao público interessado em geral, disponibilizando uma bibliografia especializada e, ao mesmo tempo, bastante acessível.